



Preto no branco: para uma lingüística do Galo

Beto Vianna

Introdução

Sou Galo desde criancinha, ao menos no horóscopo chinês. Certa vez, Buddha chamou à sua presença todos os animais da criação, prometendo-lhes uma recompensa segundo seu caráter e obediência. A maioria desdenhou o sábio (e com razão: preocupação de animal que se preza é comer, dormir e fornicar), com doze notáveis exceções. Em agradecimento, o Buddha dedicou a cada uma dessas obedientes espécies um ano, nascendo ali o bestiário astrológico chinês. Um pequeno manual conta-nos o seguinte sobre o Galo, o décimo signo:

Devido à sua mistura de conformismo e excentricidade, de pulsões belicosas e de pendores mediativos, o Galo é um animal muito estranho e paradoxal. Mas não é de fato uma criatura bizarra e contraditória esse rei cativo, esse escravo autocrata, cuja bravura e despotismo se confinam aos limites bastante acanhados do seu quintal?

(Aubier, 1989)

A carapuça serve na medida. Brigão (quando não vale a pena) e conformista (quando também não vale), teimo em expor publicamente as plumas mais perturbadoras e reservar as mais vistosas para o espelho, como só quem se esconde atrás da excentricidade sabe fazer. Levando a conversa para um terreiro menos pessoal, o que dizer do Clube Atlético Mineiro? O que tem de Galo, o Galo?

“Vencer, vencer, vencer, esse é o nosso ideal”, e “forte, vingador”, diz o hino atleticano. Esses são chavões do mundo do futebol, e, mesmo assim, instigantes para um clube que tem como mascote esse animalzinho altivo, orgulhoso, “preferindo morrer a sobreviver a uma vergonhosa derrota” (Aubier, op. cit.), lembra-nos o nosso livrinho do zodíaco chinês. Símbolo e clube, Galo e Atlético, parecem estar de acordo, portanto. Mas de acordo para quem? Dizendo de outro modo: podemos falar de uma linguagem que esteja contida no universo atleticano, e só nele? É possível uma lingüística do Galo? Minha resposta

é afirmativa, ainda que isso dependa de definirmos que lingüística é essa, e ainda que eu não vá, neste artigo, desenvolver plenamente essa lingüística (um projeto muito ambicioso, de qualquer modo), apenas explorar alguns caminhos por onde acho que ela faria bem em passar.

Que lingüística é essa?

Perguntar se é possível ou desejável uma lingüística do Galo é repisar duas questões antigas e persistentes da lingüística, que já atormentavam essa ciência mesmo antes do seu nascimento: se as categorias lingüísticas mantêm alguma correspondência com a realidade ou se são fruto de uma convenção arbitrária; e se devemos estudar a linguagem de um ponto de vista universal (segundo algum ordenamento subjacente a toda e qualquer linguagem) ou de um ponto de vista particular, isto é, segundo as características peculiares à linguagem de um grupo ou indivíduo (Weedwood, 2002). Traduzindo para a nossa vaca fria, se as categorias lingüísticas correspondem a uma realidade pré-determinada, uma lingüística do Galo pouco acrescenta ao nosso conhecimento, posto que as categorias já estão dadas de antemão, independente da “língua” específica que estamos estudando. Do mesmo modo, se o que importa é um sistema lingüístico universal, independente de suas realizações particulares, é inútil darmos atenção à expressão tão particular de membros ou torcedores de uma agremiação esportiva. Afinal, sabemos que a “língua do Galo” é português do Brasil, ou, no máximo, a sua variante dialetal mineira ou belorizontina.

Com o respeito devido a essas clássicas questões, preciso dizer que elas vêm, desde os antigos gregos (e a Grécia Clássica é a origem tradicional de toda pergunta imorredoura do pensamento ocidental), limitando perniciosamente a gama de perguntas ontológicas e epistemológicas que nos é permitido fazer. Será mesmo preciso seguir a filosofia tradicional, e pendular entre o “natural” e o “cultural”, entre o “universal” e o “particular”, entre a “razão” e a “experiência”, para falar de um fenômeno relacional como a linguagem? Quando aceitei escrever este artigo, sabia que eu não conseguiria negar o meu próprio percurso acadêmico, que me levou a tratar as questões da linguagem da maneira como trato. Minha experiência é a de que eu não posso falar de coisa alguma (nem da linguagem) “pisando fora” da própria linguagem, ou seja, descrevendo aquilo que está fora da minha experiência como uma pessoa que conversa com outras. Diz Wittgenstein (1922), “sobre aquilo de que não se pode falar, deve calar-se”. À primeira vista, essa é uma circularidade desconcertante, e, no entanto, de extrema importância para entendermos as relações que se estabelecem dentro da linguagem, e como essas relações efetivamente criam mundos que antes não estavam ali.

O que me permite, aqui, falar de uma linguagem do Galo é a aceitação de que os processos relacionais, as *redes de conversação* (Maturana, 1997) que são estabelecidas dentro do contexto “Galo” diferem das outras, e, mais que isso, conservam um modo de descrever e viver o mundo através da manutenção do viver nessa rede. Assim, linguagem não só apenas “um modo de vida” (Wittgenstein, 1987), é também um processo de conservação desse modo de vida. Um exemplo pra facilitar essa conversa: como torcedor do América, eu poderia alegar uma “distância” do objeto-Galo que me permite escrever este artigo “com isenção”, mas esse é um discurso enganoso. Ninguém descreve nada - ninguém *diz* nada - que não faça parte de sua própria experiência. Como *americano*, participo de uma rede de conversações particular, de uma maneira particular de ver e descrever o Galo, assim como participo de outras, como *lingüista*, como *belorizontino*, ou qualquer outra cultura definidora de meus modos de descrição, desde que esse modo permita que surja um objeto-Galo para ser descrito. Do mesmo modo, é isso o que acontece com a rede conversacional que aqui estou chamando de Galo: o estabelecimento de um modo particular de relacionar, e, portanto, de descrever e viver o mundo.

Cozinhando o Galo

Após definir minha lingüística, é preciso dizer que Galo é esse de que minha lingüística vai tratar. O Galo *não é* os seus dirigentes e apoiadores, não é os cartolas, os sócios, a comissão técnica, as sumidades atleticanas, os patrocinadores e a imprensa atleticana, ainda que esse conjunto de pessoas assuma variados e importantes papéis de representantes, porta-vozes e manipuladores dos destinos da empresa atleticana. É o que Darcy Ribeiro chamaria de “patriciado” do Atlético, um elemento influente, mas que não deve ser confundido com o próprio Galo. O Galo também não é o *time* do Atlético, ainda que, em cada campeonato, em cada momento vivido por dirigentes, imprensa, os próprios atletas e a torcida, um determinado time participe, como elemento a ser observado e descrito na dinâmica da rede relacional do Galo. O Galo é então sua torcida? Não e sim. Não se com isso queremos dizer “torcida organizada”, ou aquele público que semanalmente ocupa (ultimamente, diríamos “lota”) o Mineirão para ver ao vivo as partidas. Novamente, esses são elementos importantes, mas o Galo só é *idêntico* à sua torcida se estendermos um pouquinho esse conceito.

Alguns números podem nos ajudar a definir Galo como a sua torcida. Segundo pesquisa Data Folha (1996), 37% dos белорizontinos a partir dos 16 anos de idade têm o Atlético como time preferido, porcentagem que cai para 32% na Região Metropolitana de Belo Horizonte. Como na RMBH há cerca de 3 milhões de habitantes com 16 anos ou mais (IBGE, 2000), o

Galo de que estou falando, nesse limite geográfico, é uma rede de quase 1 milhão de pessoas. Esse número dobra se considerarmos Minas Gerais (15% de atleticanos) e, nacionalmente (2%), chega a quase três milhões de atleticanos. Para se ter uma idéia da importância lingüística de um universo como esse, das cerca de 6.000 línguas existentes no mundo, apenas 140 possuem mais de 3 milhões de falantes (o Iídiche e o Lituano estão nessa faixa), e a imensa maioria tem menos de 1 milhão de falantes (Comrie et al, 1996). Mais números para comparação. No Brasil são faladas cerca de 180 línguas indígenas. O número de falantes vai de 20 mil (Guarani, Tikuna, Terena) até uma dezena, e a média fica em torno de apenas 200 falantes por língua (Rodrigues, 1993). A semelhança entre os falantes do Lituano, uma tribo Tikuna e o Galo é que nos três casos é estabelecido um modo de vida comum através das relações internas que se estabelecem entre os membros do grupo. Há um bom motivo para situar o Galo na RMBH. Como o Cruzeiro e o América, o Atlético é um time da capital, com uma torcida diluída no Estado (pela presença dos times do interior e a influência de São Paulo e Rio), mas ostensiva na região metropolitana. As estatísticas, ainda que burras, confirmam o que eu digo: pelo Data Folha, Cruzeiro e Atlético compõe, juntos, 75% da torcida na capital e 70% na RMBH, mas apenas 28% no interior de Minas. Na RMBH, incluindo as crianças acima de 4 anos¹, ficamos com um universo de cerca de 1 milhão e meio de galo-falantes.

Mas as estatísticas acima apenas nos falam sobre o tamanho e a localização da “nação”. Onde está a língua? O que é preciso para que essas 1,5 milhão de pessoas conservem e modifiquem sua linguagem no contexto do Galo? Sugiro que é preciso que essas pessoas façam coisas juntas. A palavra conversar vem daí, *cum versare*, “dar voltas com (outras pessoas)” (Maturana, op. cit.). No caso do Galo, as “coisas” que essas pessoas fazem juntas são as coisas que definem o pertencer à rede de conversações “Galo”. É por isso que o conjunto dos atleticanos, e não o time, define o Galo. É comum ouvirmos as frases “torço para o Galo” e “fiquei triste porque o Galo ganhou”, ou “estou orgulhoso porque meu time foi campeão da 2ª divisão”. Poderíamos entender essas frases como se houvesse uma distância entre o time e os torcedores, como se o importante fosse o que o time faz, como se o comportamento do time definisse o que acontece no Galo e *informasse* e *especificasse* o comportamento dos torcedores pessoas. No entanto, tudo o que o time faz em uma partida só tem a ver com na dinâmica interna *daquela partida* e não na dinâmica da rede de conversações que define o Galo. A dinâmica do Galo - dizer determinadas coisas, mudar de

¹ Para as crianças, estou projetando os 32% de atleticanos colhidos no universo acima dos 16 anos; apesar de excluídas da pesquisa da Data Folha, as crianças “falantes” são igualmente importantes aqui., pois elas participam da rede de conversações, conservando e modificando o comportamento dos outros componentes da rede.

emoção, ficar feliz ou triste com o time, revoltar-se contra os dirigentes etc -, tem a ver com os vários relacionamentos que se dão na rede maior, conservando ou modificando os modos de observar, de descrever e de falar que definem, a cada momento, o Galo.

O biólogo chileno Humberto Maturana (op. cit.) inventou um termo curioso para a partida de futebol: ela é “isófora” de uma dinâmica social. Com isso o biólogo quer dizer que uma partida de futebol é uma dinâmica social que dura o tempo que a partida dura. Como na rede social, o comportamento dos vários participantes do jogo - os jogadores, os bandeirinhas, o juiz -, muda em congruência com a relação que esses participantes estabelecem uns com os outros, uma dinâmica que é extinta quando acaba o jogo. Algo parecido - isofórico - acontece na dinâmica social. Enquanto estou conversando com determinada pessoa, fazendo algo junto com ela, eu e essa pessoa estamos modificando nossos comportamentos mutuamente no fluir da conversa. Se eu sou atleticano, e, de repente, viro americano, as dinâmicas relacionais que estabeleço, enquanto Galo, desaparecem, “acaba o jogo” (por isso tendemos a chamar de vira-folha quem sai do *nosso* time), mesmo que eu possa continuar a respeitar e ser respeitado por meu interlocutor atleticano, e possamos fazer outras coisas juntos.

Baião de dois

Um velho galo matreiro, percebendo a aproximação da raposa, empoleirou-se numa árvore. A raposa, desapontada, murmurou consigo: “Deixe estar, seu malandro, que já te curo!...” E em voz alta:

- Amigo, venho contar uma grande novidade: acabou-se a guerra entre os animais. Lobo e cordeiro, gavião e pinto, onça e veado, raposa e galinhas, todos os bichos andam agora aos beijos como namorados. Desça desse poleiro e venha receber o meu abraço de paz e amor.

- Muito bem! - exclamou o galo. Não imagina como tal notícia me alegra! Que beleza vai ficar o mundo, limpo de guerras, crueldade e traições! Vou já descer para abraçar a amiga raposa, mas... como lá vêm vindo três cachorros, acho bom esperá-los, para que também eles tomem parte na confraternização.

Ao ouvir falar em cachorro, Dona raposa não quis saber de histórias, e tratou de pôr-se ao fresco, dizendo:

- Infelizmente, amigo Có-ri-có-có, tenho pressa e não posso esperar pelos amigos cães. Fica para outra vez a festa, sim? Até logo. E raspou-se.

A fábula acima, de Monteiro Lobato (Andersen, 2006; originalmente de La Fontaine, ver Aubier, 1989) apresenta detalhes curiosos no que diz respeito à nossa conversa. O mais evidente, para os mineiros, é a presença dos rivais Galo e Raposa. Digamos que a fábula seja isofórica a uma situação que tem se estabelecido no contexto de Atlético e Cruzeiro, que é a

superioridade técnica *do time* cruzeirense, representada na fábula pela condição de predador da Raposa, mas que não se traduz em ganho no contexto das torcidas, ou seja, das redes de conversação que estamos considerando aqui. A esperteza do Galo (da fábula) em livrar-se de ser comido pela rival superior traz um paralelismo com a situação adversa em que a emoção do Galo (do nosso estudo) flui em uma direção positiva. A recente conquista do campeonato brasileiro da 2ª divisão é um exemplo, mas em relação ao Cruzeiro, o exemplo maior é o percurso assimétrico dos dois times nos anos 90, que não se refletiu numa assimetria correspondente nas duas torcidas. Ao contrário, esses são os casos que fazem surgir o discurso da torcida “fiel”, e, portanto, mais legitimada ou valorizada do que a torcida do time vitorioso.

Finalmente, a fábula é isofórica ao contexto de Atlético e Cruzeiro no sentido crucial de que, para o Galo ser do jeito que é, é necessária a presença da Raposa, ainda que sejam as dinâmicas internas do Galo que especifiquem, a cada momento, as conservações e modificações no comportamento lingüístico de seus membros. Assim, além do sistema interno Galo, há as relações desse sistema com outros grupos, criando sistemas maiores. Para o Galo, o meta-sistema fundamental é o Atlético-Cruzeiro, pois é aí que se realizam a maioria das descrições realizadas tanto por atleticanos e cruzeirenses quanto por americanos, torcedores de outros times (que se relacionam com o modo de vida belorizontino) e até por belorizontinos que não se interessam por futebol. Quando Galo-falantes, Raposa-falantes e Coelho-falantes distinguem o Galo, distinguem também, e ao mesmo tempo, a Raposa, em uma relação de “figura” e “fundo”. Atlético e Cruzeiro são o *chiaroscuro* da linguagem futebolística belorizontina, como o Grenal em Porto Alegre, Liberais e Conservadores nas políticas anglófonas, Blancos e Colorados no Uruguai, Juazeiro e Petrolina (ou Buritizeiro e Pirapora) às margens do São Francisco.

Lévi-Strauss (1958) fala de *organização dualista* da sociedade, um agrupamento que se encontra bipartido em algum aspecto de sua organização, ainda que, nos demais aspectos, a organização tem outros níveis de complexidade e subdivisão. A análise se aproxima bastante do sistema Atlético-Cruzeiro no contexto de Belo Horizonte. Uma das críticas de Lévi-Strauss à atribuição de organização dualista a uma sociedade (digamos, dos índios Bororo) é que essas atribuições são feitas por pesquisadores baseando-se apenas no testemunho dos próprios Bororos, que tenderiam a acentuar um determinado aspecto de sua própria organização, “escondendo” a realidade para o pesquisador. Ao contrário do Lévi-Strauss, digo que é exatamente o que *diz* um membro de uma cultura que permite a configuração dessa mesma cultura. Assim, é perfeitamente concebível uma sociedade belorizontina dualista dentro de uma linguagem do Galo ainda que isso não seja “verdade” em outras linguagens, nem mesmo

em relação ao futebol. O sistema trino Atlético-Cruzeiro-América é um exemplo de alternativa, inclusive institucionalizada, como na presença dos três debatedores do programa Alterosa Esportes, ou nos espaços reservados aos três times em jornalões mineiros, como O Tempo. A inclusão do Villa-Nova (ou, mais recentemente, do Ipatinga) no triunvirato, é outra alternativa de descrição. Como todo americano, eu sinto na pele a tensão entre uma linguagem Galo, dualista, e a minha própria, toda vez que me perguntam “você torce para o Atlético ou para o Cruzeiro?”. Para um torcedor americano, a pergunta não pode ser respondida, pois ela é formulada em outra língua, em outro mundo.

Sobre pretos, bichas e ricos

Três coisas que você nunca vai ver: um americano pobre, um atleticano branco e um cruzeirense macho.

Em uma primeira leitura, a frase acima reproduz três atitudes preconceituosas, infelizmente bastante disseminadas entre os brasileiros: os preconceitos de classe, raça e opção sexual. Nessa leitura, o dito seria “favorável” ao América, ou pelo menos, em ordem crescente de perniciosidade, da esquerda para a direita. Mas se situarmos a frase no contexto de uma cultura do futebol brasileiro, a coisa muda de figura. Assim como o carnaval e outras instituições de apelo popular no Brasil, o futebol trabalha com uma inversão (se bem que momentânea, e, muitas vezes, mistificadora e alienante; ver Soares, 1983) dos valores impostos pelas classes dominantes. Nesse processo, é o *rico*, e, por extensão, o *branco*, que são estigmatizados, como representativos da não-malandragem - os “manés” e “joões” - e da não-virilidade. *Bicha*, portanto, entra na mesma categoria, até como um grau superlativo. Na frase citada, é ao sistema Atlético-Cruzeiro que são dirigidos a “anti-ofensa” *preto* e a ofensa clássica *bicha*, e como esse sistema é marca a dualidade de nossa cultura belorizontina, é nos termos da linguagem do Galo que esse ditado deve ser analisado. “Cachorrada” e “bicharada” são os tratamentos recíprocos entre cruzeirenses e atleticanos, e, no entanto, são assimilados em uma linguagem do Galo com graus de efetividade totalmente distintos. Nessa linguagem, preto e pobre (a que corresponde o insulto “cachorrada”) tornam-se valores na moral subversiva do futebol, ao passo que bicha não permite essa possibilidade de inversão. Assim, as dicotomias pobre-rico, preto-branco e macho-bicha fazem parte de um mesmo quadro de valores que permeia e legitima uma linguagem do Galo: o elemento “oprimido” (lembrem-se da fábula Monteiro Lobato), o fraco, transforma-se em forte, vira a mesa, mas para isso ele deve manter-se viril, másculo: “Galo forte, vingador”.

Felizmente para a minha argumentação, o que eu disse acima não é (só) especulação, mas vincula-se à história de alguém que, se não inventou essas relações, ao menos soube escancará-las magistralmente, e, como se isso não bastasse, explorá-las politicamente. Trata-se do cartunista Henrique de Souza, o Henfil. Trabalhando nos anos 60 no Diário da Tarde, Diário de Minas e edições mineira e carioca do Jornal dos Sports, Henfil (1987) utilizou a linguagem e a cultura do futebol, subversivas mas preconceituosas, como elementos para uma forte crítica social e política. Em vez de louvar a “democracia racial” no futebol, nos moldes de Gilberto Freyre e suas tantas influências no Brasil (Soares, op. cit.) Henfil “nivelou por baixo”, jogando na cara das torcidas a inversão de valores que os ideólogos de plantão só teorizavam. Para o Vasco e Flamengo, criou os personagens Bacalhau e Urubu (finalmente adotados pela torcida como mascotes, após o choque inicial) ao passo que as torcidas do Fluminense e do Botafogo eram taxadas de “pó-de-arroz”, “burguesia” e assim por diante. Em Belo Horizonte, Henfil fez exatamente o mesmo. Apresentou o Galo como o time das massas, dos pretos e dos pobres, e, para a torcida do Cruzeiro, criou o personagem Bichonilda (Henfil, op. cit.). Veja que bicha, aí, não é efeminado no sentido sexual, ainda que a etimologia da ofensa seja essa, mas uma forma de agressão às elites. Henfil politizou os clubes, usando uma linguagem das torcidas, que, em Belo Horizonte (para a sorte dos atleticanos), coincide com a linguagem do Galo. Com a palavra, o cartunista:

De um lado “Ipanema beach”, a “elite tricolor”, a “burguesia botafoguense”. Do outro, a “República Popular de Ramos”, do Urubu e do Bacalhau. Eu tinha a resposta porque dava canal para ela. Eu não fazia personagens representando os clubes, eu fazia representando as torcidas.

(Henfil, op. cit.)

Conclusão

A tarefa a que me propus neste artigo não navega, eu assumo, em um mar sereno. Talvez para meus colegas lingüistas seja tão estranho eu falar de linguagem em um contexto exótico como esse - a torcida de um time de futebol - como seja, para os amantes do futebol, falar de algo tão esdrúxulo como “lingüística”. Mas, passados os estranhamentos naturais de ambos lados, devo dizer que qualquer assunto é infinitamente estranho... até que as pessoas aceitem conversar sobre ele. E essas conversas já existem. Já há alguns anos as ciências lingüísticas vêm vivendo uma “virada pragmática” (Weedwood, op. cit.), ou seja, vêm aceitando conversar sobre as coisas que efetivamente acontecem na linguagem, nesse entrelaçar de gentes que constitui a linguagem, ao invés de procurar propriedades em sistemas

abstratos, teoricamente existentes “na cabeça dos falantes”. De outro lado, as pessoas, em todas as áreas da atividade humana, vêm se preocupando cada vez mais com a forma com que se relacionam umas com as outras, com a responsabilidade que é conviver com o outro, e com o papel da linguagem nesse processo, não como uma mera etiquetagem das ações e da realidade, mas como um elemento desencadeador dessas ações e dessa realidade.

Pode parecer que o que eu disse aqui sobre uma linguagem do Galo aplica-se a toda e qualquer torcida de futebol, mas esse não pode ser o caso. O que é fascinante sobre a linguagem, que se constitui como um espaço relacional entre organismos, é que ela depende crucialmente das histórias de relações entre esses organismos, e essas são sempre particulares, sempre únicas. Assim, quando um Raposa-falante fala sobre o “campeonato rural” ele está dizendo que não quer conversar mais com Galo-falantes, ao passo que, quando diz “americano sofredor”, ele volta a ocupar um espaço de conversação com seus históricos rivais emplumados. É esse o eterno jogo da linguagem, nunca escrito a ferro e fogo em nenhuma pedra sagrada, mas dependente de nossas escolhas: cada um de nós é responsável pelo que diz e pelo que ouve.

Como Coelho-falante, o único recado que posso dar a vocês, atleticanos, em uma língua mutuamente inteligível, é que nós, também, um dia “vamos subir, Galô, vamos subir, Galô, vamos subir, Galô...”.

Bibliografia

- Andersen, Elenice Maria Larroza. “Fábulas e parábolas: um esboço para a interpretação de textos à luz da Teoria dos Blocos Semânticos”. In: *Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL*. Ano 4, n. 6, março de 2006
- Aubier, Catherine. *Galo*. São Paulo: Pensamento, 1989
- Bateson, Gregory. *Steps to an ecology of mind*. New York: Ballantines Books, 1972
- Comrie, Bernard, Matthews, Stephen and Polinsky, Maria. *The atlas of languages*. London: Quarto Inc., 1996
- Data Folha Instituto de Pesquisas. “Time de preferência dos brasileiros/grau de interesse por futebol”. http://datafolha.folha.uol.com.br/po/ver_po.php?session=274, maio de 2006
- Henfil. *Como fazer humor político*. Rio de Janeiro: Vozes, 1987
- IBGE. Censo Demográfico 2000. <http://www.ibge.gov.br/>
- Lévi-Strauss, Claude. *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003 (1958)
- Maturana, Humberto. *A ontologia da realidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997
- Rodrigues, Aryon. “Línguas Indígenas - 500 anos de descobertas e perdas”. In: *Ciência Hoje*, 16 (95), 1993
- Soares, Antonio Jorge. “Futebol brasileiro e sociedade: a interpretação culturalista de Gilberto Freyre”. In: *Futbologías. Fútbol, identidad y violencia en América Latina*. Buenos Aires: CLACSO, 2003
- Weedwood, Barbara. *História concisa da lingüística*. São Paulo: Parábola, 2002
- Wittgenstein, Ludwig. *Tratado lógico-filosófico - Investigações filosóficas*. Lisboa: Calouste

Gulbenkian, 1987

Wittgenstein, Ludwig. *Tractatus logico-philosophicus*. São Paulo: Edusp. 2001 (1922)

Beto Vianna, 37, beloizorntino, é doutor em lingüística pela UFMG e pesquisou linguagem não-humana no Instituto Max Planck de Antropologia Evolutiva, em Leipzig. Foi presidente e diretor técnico da Federação Mineira de Pára-quedismo e campeão brasileiro da “segundona” desse esporte, pela equipe Avis Rara. Atualmente, trabalha como redator de publicidade e colabora nos jornais O Tempo e O Cometa Itabirano. Namora a cruzeirense Flávia e é pai da americana Tábata e da atleticana Ariel.